REUNI (2006), Edição I, 15-33
2006, Revista Científica do Centro Universitário de Jales (Unijales), ISSN: 1980-8925
http://reuni2.unijales.edu.br/

EM BUSCA DO DOMÍNIO DA LINGUAGEM FORMAL

Adriana Juliano Mendes de Campos[1]

Resumo: Este artigo sintetiza reflexões e considerações didático-pedagógicas a respeito da evolução dos graduandos em Letras, desde seu ingresso no curso de nível superior, em consonância com as exigências e habilidades que lhes são previstas dominar, por natureza da habilitação que buscam. Traça um perfil das avaliações externas nacionais em diferentes níveis de ensino, mostrando um retrato claro do domínio da linguagem formal pelos estudantes brasileiros e seus respectivos problemas e desafios.

O artigo mostra exemplos de disposição centrada e de superação da dificuldade lingüística por vários alunos, a partir da assimilação da linguagem teórico-científica, análise lingüística, interpretação e crítica aplicada aos textos, necessária para o profissional não só de Letras, mas de qualquer tipo de Habilitação para o Magistério.

Palavras-chave: Formação, Aquisição, Linguagem Formal, Superação, Mediação Dialética.

Tenho acompanhado os resultados do Brasil e de São Paulo, nos diferentes níveis de ensino, nas avaliações externas e até mesmo internacionais, como o PISA (Programa para Avaliação Internacional de Alunos), SAEB (Sistema de Avaliação do Ensino Básico), ENEM (Exame Nacional do Ensino Médio), SARESP (Sistema de Avaliação da Rede Estadual de São Paulo) e, em última instância, o Exame Nacional de Cursos, no Ensino Superior, pelo MEC. Além das freqüentes avaliações internas, que nos possibilitam reflexão constante sobre a função antropológica e, acima de tudo, sociológica do ensinar, os resultados nos apresentam um feedback da atividade docente e da qualidade do sistema de ensino, como um todo.

É alarmante constatar os números obtidos por nossos alunos, em geral.

Os resultados do SAEB revelam que 33 milhões de brasileiros não sabem ler, embora tenham sido formalmente alfabetizados. Das crianças de 04 a 17 anos, 6,3

[1] Docente do departamento de Letras da UNIJALES nas cadeiras de Lingüística e Literatura Brasileira. Mestre em Letras pela UNESP/IBILCE – São José do Rio Preto – SP- área de concentração em Literatura Brasileira. Doutoranda em Letras pela mesma instituição - área de concentração em Teoria da Literatura.

milhões, segundo dados do INEP/MEC, divulgados pelo ministro Cristovam Buarque, estão fora da escola. Na 4ª série, 59% dos alunos não sabem ler adequadamente.

Segundo a UNESCO, exatos 56% dos jovens brasileiros entre 15 anos não entendem quase nada do que lêem, faixa que para nós já se encontra na reta final do Ensino Básico no Brasil, que corresponde ao Ensino Médio. Dos brasileiros com 18 anos ou mais 73,1% não concluem o Ensino Médio.

Felizmente, o cenário no estado de São Paulo é um pouco mais alentador, sobretudo em nossa região.

A falta de habilidade com as letras levou o país a ficar entre os dez piores do mundo em interpretação de texto, segundo o PISA, um dos sistemas de medição de conhecimentos mais reconhecidos que, em 2000, avaliou 32 países e, em 2002, 41.

Temos sido reprovados dentro e fora do país. Somente 11% dos estudantes avaliados pelo ENEM conseguiram boas notas em redação. 57% teve péssimo desempenho em interpretação de textos.

Segundo Maria Inês Fini, diretora do ENEM e do PISA, no Ministério da Educação, os alunos respondem às questões baseados nas próprias opiniões, não exatamente no conteúdo dos textos. Fazem uma leitura rápida e superficial.

Nossa macroclassificação mundial nos coloca pouco acima do analfabetismo. O brasileiro decifra as letras, lê frases, porém não compreende os significados. E o pior: dos 86 milhões de brasileiros alfabetizados, com mais de 14 anos, apenas 30% fazem parte do grupo de leitores assíduos. Dos 41 países escolhidos, o Brasil ficou em 37º lugar, só estando à frente da Mauritânia, da Indonésia, da Albânia e do Peru.

O que nos resta fazer como docentes universitários na formação desse contingente de estudantes que, em sua maioria e, por melhores condições de acesso, permanência e conclusão, opta pela habilitação no magistério, no nosso caso, das letras, que representa cerca de 20% do alunado de nossa instituição?

Resta-nos resgatar a capacidade de assimilação e desenvolver, gradualmente, a compreensão em profundidade, tarefa árdua, de desautomatização da leitura corrente e superficial que nossos alunos praticam, ainda que sob pena de adotar um alto padrão de exigência, processo que demanda esforço, concentração e disciplina, incompreendido por muitos, vítimas da trajetória descrita anteriormente que, por isso exige patrulhamento da própria análise e produção.

Em quatro anos de formação, os processos de Leitura e Escrita devem caminhar juntos e nosso grande desafio é desenvolver tanto o pensamento quanto a escrita formal,

tornando-se o estudante sujeito de sua aprendizagem e protagonista de suas produções.

Em Campos (2000)[2], traçamos um perfil que retrata bem os percalços da passagem da leitura literal para a literária; do óbvio para o simbólico e poético.

Das conclusões de nossa pesquisa e estudos, iniciamos grupos, projetos e posicionamentos em sala-de-aula, determinantes na alteração do quadro descrito anteriormente, que não deixa de ser penoso para muitos estudantes, porém gratificante quando dos resultados alcançados e não impossível mesmo para os que apresentam dificuldades, mas que são incentivados da mesma maneira.

Iniciamos em 2001 e 2002, respectivamente, os projetos *Inglês no Ciclo I e Conhecendo Literatura*, que transpõem o aluno do senso comum para as reflexões em torno da atividade docente e de sua *práxis*, na execução metodológica das teorias e na compreensão ativa do fenômeno da aprendizagem, projeto que tem se ampliado significativamente em seu terceiro ano de execução e tem mostrado o campo de atuação da UNIJALES na formação cultural regional.

Os graduandos-estagiários aplicam os temas e o projeto elaborado discutindo, sistematicamente, no grupo de estudos, as atividades a serem desenvolvidas com seus alunos das redes estadual e municipal: 347 em 2001 e 345 em 2002, no Projeto Inglês e, 268 alunos atendidos em 2002 no Projeto Conhecendo Literatura, com cerca de 200 em 2003.

Além desta iniciativa de desencadeamento do protagonismo do graduando e envolvimento efetivo com o curso, temos procurado reduzir o hiato entre Teoria e Prática, na análise textual e abordagem lingüístico-literária, para atuação eficiente e contextualizada no ensino de Língua e Literatura do futuro profissional de Letras, no sentido de minimizar, quiçá, alterar o quadro da leitura e escrita da população universitária e de seus futuros aprendizes.

Nossos alunos, em sua maioria, são trabalhadores de autonomia econômica dentro das características da região, o que não lhes possibilita grandes aplicações financeiras em seus estudos. Oriundos das classes majoritárias da população, egressos de cursos noturnos, sobretudo nos últimos anos de sua formação no Ensino Básico, com pouco acesso à leitura de obras nacionais e universais, a não ser as da própria escola,

[2] Dissertação de Mestrado intitulada *A literatura no Ensino Médio: uma proposta de leitura fenômeno-semiótica.* UNESP/IBILCE, 2000.

dispõem de poucos recursos, além do tempo, a ser dividido entre família, trabalho e estudos. O esforço que empreendem em sua formação é elogiável, condição *sine qua non* para a superação das deficiências que apresentam.

O domínio da linguagem formal, teórica e a incipiente acadêmica que precisam adquirir é o grande desafio de nosso trabalho docente universitário. Poucos são os que têm idéia nítida do caráter científico dos estudos de graduação e da necessidade de embasamento teórico para exercer uma prática consistente, sem tropeços e improvisação.

Essa transposição do senso comum para o *corpus teórico* exigido para seu perfil profissional, muitas vezes causa sensação de incapacidade, não valorização de esforços pessoais e baixa auto-estima, devido ao distanciamento entre o nível real e o ideal de compreensão leitora e da produção escrita. Não raro desistências e reprovações em algumas disciplinas permeiam a difícil trajetória de aquisição e assimilação do saber acadêmico formal.

Neste sentido, apresento o resultado parcial alcançado por alguns graduandos, revelado no trabalho paciente e laborioso desde seu ingresso no curso, relacionando diferentes saberes e conhecimentos adquiridos, no esforço intelectual a que são submetidos em sua formação, proporcionada pelo currículo adotado pelos docentes, em seus projetos de ensino, e pelo Departamento de Letras da UNIJALES.

Os estudos literários e lingüísticos procuram incidir sobre as estruturas do sentido textual ampliando-o, gradativamente, ao contextual, integrando as abordagens interna e externa, que procuramos desenvolver nas leituras que orientamos para as finalidades previstas nas habilidades propostas para o curso e para a disciplina de Lingüística.

Com este objetivo, a Lingüística, ciência que estuda a linguagem, tendo como objeto a Língua, procura desenvolver competências e habilidades de análise da estrutura textual, que é o substrato do significado e do sentido a ser construído na interpretação - atividade fundamental na performance do futuro profissional.

As análises abaixo apresentadas são fruto dos estudos de sala-de-aula, debates e leituras teóricas sugeridas. Representam conquistas e vitórias progressivas alcançadas pelos alunos e por nós, como orientadores de aprendizagem, no desenvolvimento do curso. Fazem parte do universo de alunos com o qual atuamos numa concepção gradual de currículo formal e requerido para atuação na realidade escolar, ancorado no saber teórico renovado para tal realização.

Por acreditar nesse potencial humano e na coragem de desafiar um texto em sua montagem e desmontagem, apresento o esforço de alguns dos alunos como parte do currículo desenvolvido.

O referencial teórico de leitura para aplicação nestas produções compõe-se, especificamente de FIORIN (2003), que desenvolve estudos relativos à Análise do Discurso de linha francesa e de MUSSALIN (org) (2001), que apresenta uma visão panorâmica da influência dos estudos lingüísticos no Brasil, sobretudo no séc. XX.

Por meio deste tipo de trabalho, nossos alunos puderam perceber, com mais clareza, a incidência da análise lingüística, sobretudo, se desafiados a aplicá-la às obras da Literatura Brasileira do século XX ou à nossa MPB de caráter literário nacional, dos movimentos e artistas que fizeram parte de nossa identidade.

GT DE LINGÜÍSTICA APLICADA À ANÁLISE LITERÁRIA

Orientação: Profª Adriana Juliano Mendes de Campos

Texto para análise: MINHA HISTÓRIA - *Chico Buarque de Hollanda*
Texto-base: MUSSALIN

3º Letras A

01 - Marlene A . Branco Oliveira
Franciele Lacerda Silva

Fala-se em polissemia a propósito dos diferentes sentidos de uma mesma palavra, percebidos como extensões de um sentido básico.

Partindo-se, então, de uma análise lingüística, percebe-se que o vocábulo *cruz* possui caracterização diferente do referente inicial, permitindo continuidade entre sentidos, sendo os mesmos delimitados pelo significado. É polissêmico, pois alarga sua acepção à aflição, tormento, sofrimento árduo; enfim, destino, fado que se há de carregar.

Informalmente, costuma-se chamar de antônimos quaisquer palavras ou expressões colocadas em oposição. Entretanto antonímia, quanto ao material lingüístico, refere-se à relação entre palavras cujos significados se opõem ou contrastam.

As expressões veio/partiu confrontam radicalmente dois significados extremos, formando uma oposição de início e fim de um mesmo processo.

Na caracterização geral, os sinônimos são palavras de sentido próximo, que se prestam, ocasionalmente, para descrever os mesmos objetos e situações, porém sabe-se que não existem sinônimos perfeitos.

Com base na Lingüística Textual, cada signo possui significação e contexto próprios, porém, em alguns contextos, certos signos podem ser tomados como sinônimos. No entanto, a escolha lexical entre dois ou mais sinônimos obedece a vários fatores como características regionais, diferenças de sentido, diferenças entre objetos, grau de formalismo, aspectos de forma e função.

Na canção de Chico Buarque de Hollanda, as expressões *esperando, parada, pregada* são equivalentes, possuem sentidos próximos, pois todos referem-se a aguardar, geralmente em pé e quieto.

Em *Minha História,* o sentido não-literal refere-se à linguagem conotativa, com ênfase na expressão, ou seja, o sentido do vocábulo é figurado. Portanto, o verbete *entregou* denotativamente, corresponderia a *dar, confiar, render-se,* porém, no contexto abrange o sentido de ter relações sexuais. O aspecto literal enfatiza o conteúdo, pois utiliza-se da linguagem denotativa.

No texto, apesar de prevalecerem o literário e o poético, há passagens que contêm significado dicionarizado, ou seja, próprio.

A expressão cabaré restringe-se ao estabelecimento público onde se dança, bebe; portanto, as canções seriam reprodução das músicas cantadas nesse local.

A Semântica explica que a ambigüidade nada tem a ver com as palavras de duplo sentido: cada uma de sentido único; o que cria uma dupla possibilidade de interpretação é a estrutura sintática, em muitos casos, porém, as ambigüidades estruturais combinam-se, às vezes, com ambigüidades de natureza homonímica.

Torna-se ambígua a passagem *resolveu me chamar com o nome do nosso Senhor,* relacionando-se ao trecho *Quando enfim eu nasci minha mãe embrulhou-me num manto, me vestiu como se eu fosse assim uma espécie de santo".*

Existem algumas relações de sentido como o campo semântico de Jesus: "manto", "cruz" e "santo" guardando intertextualidade com a história do filho de Deus.

A figurativização das personagens deve-se às suas características explícitas e implícitas.

Quanto ao pai de Jesus, toda a caracterização pressupõe um homem rude, cheio de instintos e "*carpediano",* pois aproveita a oportunidade que encontra no porto para saciar seus desejos; de gestos fortes, *"cheirava e gostava de mar",* além de possuir tatuagem no braço e dourado no dente, o que faz pressupor ser marinheiro.

A adjetivação indireta e implícita está nas passagens: *" Ele vinha sem muita conversa sem muito explicar"* e "*Ele assim como veio partiu".*

A mãe de Jesus, no texto, aparenta ser inocente, sofrida, pobre; enfim, marginalizada. Isso fica perfeitamente subentendendido nas passagens: "*... se entregou a esse homem perdidamente", " ... esperando, parada, pregada na pedra do porto"; " com seu único velho vestido cada dia mais curto"; "... mas por não se lembrar de acalantos a pobre mulher".* Sua linguagem pertence a cabarés e por isso nunca soube acalantos. Era esperançosa.

Jesus, esse *"menino",* sofre pela caminhada como um ícone de Jesus, por ironia ou por amor. O verso aproxima as suas angústias às do filho de Maria. Talvez o seu nome fosse uma esperança de salvação ou previsão cármica dos obstáculos a serem enfrentados. Quando criança, foi envolvido num manto como se *"fosse assim uma espécie de santo",* no que sua mãe alerta toda a vizinhança com a perspectiva de ele ser a salvação e o responsável pela mudança, ao menos de sua história (mãe).

Seus *"colegas de copo e de cruz"* são marginalizados, bebem, sofrem e vivem *" bar em bar".*

02 –Miriam Roberta Pedrini

Rita Aparecida Floriano de Oliveira

A primeira estrofe da canção caracteriza um homem posteriormente apontado como pai do eu lírico, por meio de suas marcas psicológicas *(sem muita conversa) que ficam implícitas* e pelas marcas físicas: dourado no dente, com a palavra dourado caracterizando o processo de polissemia. Nos dois últimos versos, relata a concretização da paixão.

Em *"esperando parada, pregada* há duas relações possíveis: de ambigüidade e de sentido não-literal, pois ninguém permanece pregado. As pressuposições são possíveis pelas conotações, reiteradas nos versos subseqüentes que remetem à gravidez. Novamente, têm-se um fenômeno polissêmico.

Na terceira estrofe, *embrulhou e vestiu* são sinônimos, assim como *acalantos e ninar*. As palavras *santo e cabaré se opõem.* Essa relação marca a contradição entre o nascimento de uma criança, em seu sentido de milagre e a vida que lhe é reservada, que lhe espera, cheia de pecado. Portanto, pecado é antônimo de santo, da mesma maneira que ninar e cantigas de cabaré.

Ao final da quarta estrofe, depois de narrada a atitude da mãe perante a vizinhança, com o nascimento do filho, a expressão *com o nome do nosso senhor* substitui o nome Jesus parafrasticamente, o que causa maior impacto no leitor, pois acentua o significado do nome, abrindo espaço para a ironia um nome santo num filho de prostituta. Este verso estabelece uma relação parafrástica com o último da quinta estrofe, em diferentes maneiras de designar o mesmo ser/objeto.

Na última estrofe, o v.1 é ambíguo, pois o narrador afirma que sua história é esse nome (Jesus), mas este é o nome do emissor do mundo, um santo , o que se constitui em antítese com o seu posicionamento no mundo. São similares somente a dor e o sofrimento, numa vida desregrada, mundana, escura, marcada pela bebida, luxúria e brigas.

Do mesmo modo *"viro a mesa"* é ambíguo, pois pode significar inaceitação de sua condição ou confusão.

O nome Jesus é a principal contradição neste texto.

Seus colegas são os ladrões e as amantes, que levam vida desregrada, desocupada, tendo como referência o bar; por isso, são definidos como colegas de *copo e de cruz*, ou seja, de bebida e sofrimento, aproximados pelo possessivo "meus".

03 – Elizabeth Lima Reis

Silvania Ribeiro

O poema narra uma história cujo protagonista sintetiza, gradativamente, sua existência, a começar pelas circunstâncias em que seus pais se conheceram: o momento de sua concepção e gravidez da mãe; seu nascimento e infância até se tornar adulto quando, então, toma consciência de sua condição miserável.

Não existe referência temporal no texto e o espaço, tudo indica ser numa zona portuária.

Para construir o texto, o autor selecionou lexicamente termos que, interligados, sugerem o ambiente, o espaço, a atividade e o destino das personagens.

Dentre os aspectos semânticos utilizados, destacamos:

Polissemia – *“ viro a mesa”*

Sinonímia – *“ embrulhou-me”; “me vestiu”;*

“ o nome do nosso senhor/ nome do menino Jesus

Antonímia –“ *veio/ partiu”*

“*acalanto/ cantigas de cabaré”;*

Ambigüidades*: “ cada dia mais longe” “ esperando...”*

Note-se a função do gerúndio, de, perdurativamente indicar o processo de espera da mãe.

Como pudemos verificar, o extrato léxico do poema foi construído de modo a propiciar a contextualização ou figurativização semântica das personagens e da própria história delas, por efeitos de sentido provocados por expressões metaforizadas e conotativas.

Minha História é uma narrativa com aspectos descritivos propositalmente construídos para remeter o leitor ao ambiente “ pervertido” dos acontecimentos, dada a figurativização existente.

BOM CONSELHO

Chico Buarque de Hollanda

3º Letras A

01 – Jeriel Gomes da Silva

Supõe-se que no texto *Bom Conselho* o eu-lírico seja feminino, como demarcam os verbos no imperativo: “*ouça, espere, venha, deixe, brinque, faça, aja”* tentando, assim, quebrar uma suposta estagnação em relação às atitudes do amigo, convidando-o.

Também, pode-se notar a intertextualidade, visto que o autor produziu este texto em concatenação com vários provérbios populares, interpretando-os sob uma visão diferente. Temos antonímia entre estas interpretações. Também se observa o processo de referência interligado por um processo de definitivização em “Meu amigo”.

O pronome possessivo “meu” indica a definitivização.

02 – Miriam Roberta Pedrini

Este texto nos remete a vários provérbios, ironizados de maneira polifônica.

Bom Conselho dialoga com outros textos num processo de intertextualidade, levando a refletir, pensar, incitando a uma mudança de valores ou uma verdadeira transformação no modo de ser das pessoas.

Há várias expressões com sentido conotativo: *Espere sentado ou você se cansa* (algo vai demorar a acontecer); Q*uem espera nunca alcança; Aja duas vezes antes de pensar*. É preciso tomar atitudes em vez de esperar e pensar. *Devagar é que não se vai longe*. Este provérbio desestabilizado leva à dinamicidade e disposição para crescer.

O texto se dirige a um amigo, definido pelo pronome possessivo " meu", tentando persuadi-lo ou ao leitor imaginário a mudar sua vida monótona e seguir com a narradora.

Percebemos, ao longo do texto, uma gradação dos verbos: ouça (estático), espere, venha, aja. Inicia aconselhando e termina agindo como se, pelo exemplo, promovesse uma ruptura com a postura cautelosa e carente de iniciativas.

Texto para análise - VOU-ME EMBORA PRA PASÁRGADA - *Manuel Bandeira*

3º Letras B
Márcia Aparecida de Assis Delamura
Laurides Rodrigues Vieira Bernardes
Nilva Magaroti

(Nilva)

Na análise do poema "*Vou-me embora pra Pasárgada",* procuraremos encontrar as relações semânticas possíveis nas expressões lingüísticas utilizadas, considerando os estudos de Pragmática, polissemia, sinonímia, antonímia, intertextualidade, polifonia, sentido não-literal e as categorias da enunciação.

Os versos *Vou-me embora pra Pasárgada/ aqui eu não sou feliz* exprimem o desejo do eu-lírico de fugir da realidade concreta e adentrar outro tipo de realidade, a sonhada ou idealizada. Esse desejo e a oposição existente entre o "aqui" e o "lá" remetem ao poema "Canção do Exílio", de Gonçalves Dias, possibilitando a intertextualidade.

O poema está em 1ª pessoa (Vou-me, eu, sou, tenho, farei), de maneira que o espaço e o tempo estão na dependência do eu, que neles se enuncia. Nota-se que quase todos os verbos estão no futuro do presente (farei, andarei, montarei, terei, subirei, escolherei, tomarei). As formas verbais do presente indicam o momento de referência, um agora coincidente com o momento da enunciação, demarcando a anterioridade do passado e da posterioridade.

Ao fazer a debreagem enunciva *"Que no tempo de eu-menino, Rosa vinha me contar",* o poeta afasta o que revivera transformando-o em lembrança. O eu passa a se tornar ele, ou seja, o eu do presente não é o mesmo do passado. Hoje, há um adulto e, ontem, uma criança. Desta forma, o modo de enunciar cria sentido com o distanciamento.

Os elementos lingüísticos que servem, no texto, para delimitar os espaços, exercendo a função de demarcadores são, basicamente, os adjuntos adverbiais de lugar "aqui, lá". O aqui marca o espaço da cena enunciativa, pois é o espaço do enunciador, enquanto o lá marca o espaço fora da cena enunciativa. O lá representa para o eu-lírico um mundo de delícias, um mundo imaginário.

Notamos a freqüência da função anafórica costurando os versos, promovendo a coesão textual e a ênfase refletida pelo desejo obssessivo.

(Márcia)

No poema, temos um enunciado em 1ª pessoa, evidenciado logo no início com o pronome "me" e com o pronome pessoal "eu", nos 7º, 34º e 39º versos. Também os verbos "vou, sou, tenho, deito, mando, quero, terei, farei", reiteram esta manifestação.

O advérbio de lugar "aqui" determina o espaço em que se encontra o eu. O advérbio "lá" é figurativizado como Pasárgada, onde o eu-lírico é amigo do rei, monta em burro-brabo, sobe em pau-de-sebo.

O momento da enunciação é ordenado quando ele diz: *Vou-me embora pra Pasárgada,* concomitante ao momento de referência *"Aqui eu não sou feliz".* Encontramos momentos de remissão e de evocação. São remissivas no passado e evocativas quando os verbos estão no futuro: "*Lá a existência é uma aventura de tal forma ...".* Neste trecho, o lá (advérbio) tem função anafórica em relação à informação anterior. "*Vou-me embora pra Pasárgada*". Portanto, lá é um marcador lingüístico enuncivo

Segundo Fiorin, ao se construir um enunciado em que se projetam pessoa, espaço e tempo, temos uma debreagem. Para exemplificar tal afirmação temos, no poema, a instalação do eu enunciador no v.1 "***Vou-me*** *embora"* (debreagem actancial). No sétimo verso, ocorre a instauração do espaço enunciativo: "**Aqui** eu não sou feliz!"

(Laurides)

Nesta composição poética, Bandeira relata detalhadamente as atrações de um lugar ao qual tenciona ir: a civilização, a cultura, as diversões, tudo o que não encontrava no lugar em que estava.

Os advérbios de lugar compõem duas séries: uma dicotômica (constituída pelos advérbios (cá/lá) e outra tricotômica (aqui, aí, ali). O aqui marca o espaço da cena enunciativa e o lá indica o espaço fora do lugar da cena, além de remeter anaforicamente ao referente Pasárgada, como podemos notar no primeiro verso do poema: *"Vou-me embora pra Pasárgada. Lá sou amigo do rei!"*

São visíveis, também, no poema, marcadores de difinitivização (artigos): "a mulher, a existência, a louca".

Encontramos ambigüidade e antonímia na análise semântica em "quero" que pode significar a mulher idealizada, com a qual sonho ou a mulher que desejo. Lá/aqui; vou/vem e sinônimos inconseqüente/louca/demente, entre outras.

Aqui evidencia debreagem enunciativa, pois faz referência ao tempo presente, ao que vive agora, num determinado local, antagonicamente ao v.10, onde há debreagem enunciva: *"que no tempo de eu-menino".* Há nesse verso um distanciamento, uma presentificação do passado. O poeta revive o ocorrido na infância.

São notáveis, também, trechos em sentido literal e não-literal: "*Lá a existência é uma aventura"*(não-literal); *"e como farei ginástica, andarei de bicicleta, montarei em burro brabo, subirei em pau-de-sebo, tomarei banho de mar" (*sentido literal).

Ao final do poema, temos um subentendido: *"Em Pasárgada tem tudo"*(aqui não tenho nada). Há, nesta mesma estrofe, índices de polifonia, pois encontramos aí argumentos e diferentes conceitos de determinado local: *"tem um processo seguro, tem telefone automático, tem alcalóide à vontade, tem prostitutas bonitas".*

Concluímos que todos os tempos estão intrinsecamente relacionados à enunciação criando três momentos de referência: um presente, um passado e um futuro concomitância/não-concomitância; anterioridade/posterioridade. Percebemos, assim, uma temporalidade lingüística associada à temporalidade de referência, marcando os eventos do poema.

Texto de análise - ESTRELA DA MANHÃ - *Manuel Bandeira*

Deovani do Nascimento Garcia

O poema "Estrela da Manhã", de Manuel Bandeira, é enunciado em 1ª pessoa, sendo, portanto, subjetivo. Ao compô-lo, Bandeira criou uma figurativização para referir-se à mulher desejada do eu-lírico. Chamou-a "estrela da manhã", desmaterializando-a, fugindo, assim, do erotismo vulgar e prosaico. Ainda, na 1ª estrofe, faz uso da antonímia para referir-se às pessoas, de maneira geral, pedindo ajuda: "*Meus amigos, meus inimigos".*

Na quarta estrofe, o sentido literal da expressão do primeiro verso "*diga que sou um homem sem orgulho"* faz-nos reconhecer a humildade própria dos verdadeiros amantes. Vemos um homem que renega tudo para cultivar o bem maior: a obssessiva imagem de mulher que o persegue (no desejo). Ela é inatingível.

Para dar ênfase à sua busca pela amada, o autor, na quarta estrofe, faz uso da antonímia dizendo: "*Três dias e três noites/ fui assassino e suicida"* e, para mostrar sua degradação, utiliza a sinonímia: "*ladrão, pulha, falsário".*

Na quinta estrofe, a imagem surrealista convoca a dimensão do amor já no limite com o ódio, e, para acentuar este limite, com ironia, associa o metafísico ao insólito, usando o termo "girafa de duas cabeças".

Finalizando, com a repetição da palavra "*Pecai",* o poeta inventa uma nova prece, colocando como clímax o desejo ardente, mesmo após tanta degradação.

Texto para análise: VERSOS DE NATAL- *Manuel Bandeira*

Fabiani Aparecida Bortolotti
Denis Roniero Domingos

Observando o poema de Manuel Bandeira *Versos de Natal*, notamos que, na primeira estrofe, o poema mostra uma pessoa idosa diante do espelho: *"Espelho, amigo verdadeiro/ tu refletes minhas rugas, os meus cabelos brancos/ os meus olhos míopes e cansados".*

O poema retrata que o tempo passou e que essa pessoa não é mais a mesma, pois a realidade está refletida no espelho "mestre da realidade", porém, este espelho só reflete a matéria daquele homem senil; caso pudesse refletir a alma desse homem,

mostraria a criança que sustenta esse homem e que ainda pensa em pôr seus chinelinhos atrás da porta na véspera de Natal.

Bandeira mantém a perfeita homologia entre o sentimento e o ritmo interno. O vocabulário é simples buscando a espontaneidade da fala coloquial.

O poema trata de um diálogo entre um velho e um espelho, marcando a relação eu(homem)/tu(espelho)em que o homem seria o enunciador, quem produz o enunciado e o espelho o enunciatário, ou seja, quem recebe o enunciado.Encontramos elementos que categorizam a pessoa: Tu (2ª pessoa) penetrarias, descobririas e referem-se ao enunciatário espelho.

Nos versos "*meus cabelos brancos", "meus olhos míopes",* os pronomes indicam posse e definitivização. Há um jogo entre este/esse, revelando o homem físico, próximo e o espiritual, distante: esse.

A enunciação entre espelho e homem se dá *hic et nunc.* Aqui seria o espaço em que se encontra o espelho e o agora, o momento do diálogo homem/espelho, pois como afirma Benveniste, o tempo da enunciação é sempre o presente. A partir desses elementos, se organizam outras relações temporais, levando-nos ao passado e deparando-nos com o presente.

Com relação ao tempo, podemos dizer que o poema é composto de presente com referências ao passado. Na 1ª estrofe, o eu-lírico se depara com o presente; cabelos brancos, olhos míopes; já na 2ª estrofe, volta ao passado, caracterizando sua infância, quando faz a debreagem enunciva, recurso utilizado para presentificar o passado e, assim, reviver momentos de sua infância.

Percebemos, também, índices de polifonia, nas vozes que se manifestam em diferentes perspectivas ou pontos de vista, por meio do operador argumentativo *mas*, no 8º verso, contrajunção através da qual se introduz uma hipótese de o espelho ser mágico. A antonímia se manifesta na oposição velho/menino; a sinonímia nas expressões ruga, olhos míopes e camados, o que caracteriza a implicatura, sendo a inferência pragmática baseada não no sentido literal das palavras, mas naquilo que o locutor pretendeu transmitir ao interlocutor: a expressão da velhice. Encontramos, ainda, relação de hiperonímia entre menino/homem.

Bandeira trabalha temas recorrentes em sua poesia, o que fica evidente em sua obra marcada pelas alegrias e tristezas, pelo ceticismo ou, por vezes, pela ironia e amargura.

REUNI (2006), Edição I, 15-33
2006, Revista Científica do Centro Universitário de Jales (Unijales), ISSN: 1980-8925
http://reuni2.unijales.edu.br/

Texto para análise: TESTAMENTO – *Manuel Bandeira*

Robson Manoel de Souza

O poema *Testamento* de Manuel Bandeira traz, no 1º verso, a marca de enunciação: *"O que não tenho e desejo"...* demarcada pela situação que os verbos ter e desejar propõem. Nesta expressão, a debreagem enunciativa é realizada, o que ocasiona um efeito de aproximação. A categoria da enunciação é representada, em maior número, no poema, pela focalização em 1ª pessoa, o que atribui um caráter de subjetividade.

A 2ª. estrofe estabelece a debreagem enunciva, pois todos os verbos conjugados no passado provocam um efeito de distanciamento, onde o eu-lírico passa ao enunciatário uma voz de passado, demarcando, assim, o plano do enunciado.

Novamente, logo ao início do 1º verso da 3ª estrofe, o eu-lírico se apresenta e coloca a sua voz conjugada na 1ª pessoa, construindo a debreagem enunciativa. Além do verbo gostar, *"gosto muito de crianças",* aparece, ainda, o verbo trazer, *"mas trago dentro do peito",* marcam a proximidade do presente, o que contrasta com os verbos no passado: tive, foi, nasceu, que criam efeito de distanciamento.

Na 4ª estrofe, surge um efeito de simultaneidade Eu/Ele "*criou-me desde eu-menino, para arquiteto meu pai*". O eu-lírico realiza a presentificação do passado, lembrando o desejo do pai, não-realizado e lamentado pelo imperativo: *"perdoai".* É relevante observar a demarcação da temporalidade obtida pelo advérbio "desde", também no 1º verso.

Enfim, a última estrofe, demarcada pelos verbos no presente "faço e sei", novamente estabelece a aproximação da interlocução autor/leitor. Somente os dois últimos versos marcam a situacionalidade do enunciado, representado pela vontade do eu-lírico "*Darei",* observada na frustração do mesmo em *"na luta em que não lutei".*

Analisando as relações semânticas no poema, direcionadas ao sentido, percebemos a polissemia da palavra terra que representa todos os estados por que o eu-lírico passou e, também, as terras que inventou, recorrência na poesia de Bandeira. Nesse caso, há oposição concreto/abstrato, real/irreal, representado por terras nacionais e internacionais, além das imaginárias. As relações de sinonímia/hiperonímia metaforizam a condição do *pathos* evidenciado pela afirmação: *"sou poeta menor, perdoai".*

O conectivo *mas,* presente em quase todas as estrofes, provoca, segundo Koch (1999), contrariedade com o desejo do eu-lírico, o que evidencia a polifonia (Oswald

Ducrot), o que não acontece no todo, pois o eu-lírico acata a vontade do pai, em expectativa, porém, no plano real lamenta e apresenta sua condição real de poeta menor.

GT LINGÜÍSTICA II

Texto para Análise – Neologismo – Manuel Bandeira
Texto base- FIORIN

2º Letras B

01 – Andre Luiz P. Gomes

Podemos observar no poema *Neologismo,* de Manuel Bandeira, um amor apaixonante de um homem por uma mulher. Por meio dos versos, verificamos a utilização do vocábulo inexistente em estado de dicionário e como é significativa a utilização de morfemas na criação poética.

02 – Vanice Basso dos Santos

Neste poema, Bandeira, ao compor seus versos *Beijo pouco, falo menos ainda,* expressa sua grande dificuldade de expressão oral ou de fazer uma declaração à amada. Por isso escreve, ou seja, inventa palavras que expressem sua ternura mais funda.

É muito interessante sua declaração poética, pois, ao dizer *Teadoro, Teodora* brinca de amar, metalingüisticamente criando.

03- José Henrique N. Romano

Este poema de Bandeira mostra um trabalho morfológico muito bem aplicado na *poiesis.Teadorar* no v.5 e *Teadoro* no v.7 são morfemas criados e intitulam a obra, demonstrando o processo de criação de neologismos.

04- Maria Angélica Ciampone

O poema de Bandeira possui vocábulos cujo morfema lexical recebe complementos: os grammemas.

Na palavra beijo, por exemplo, temos o morfema *beij*o gramema desinencial número-pessoal [o]. O poeta atualiza, no texto, vogais temáticas em cada um dos verbos. O verbo inventei – derivado de inventar, possui como vogal temática a vogal /a/ e como tema inventa.

Teadorar, normativamente, não existe, sendo, portanto, sua criação – o neologismo. Este verbo é considerado intransitivo e, por comutação, origina outros. Os efeitos sonoros possibilitam um jogo alternativo que, fonética ou morfologicamente, explicitam a criação poética e o sentido potencializado formal e semanticamente.

05- Zilda Silva Lucas

O título do poema traduz sua intenção: "criar palavras" – esse é o sentido de "*neologismo".* Nos primeiro e segundo versos, discorre sobre seu jeito de ser e o que faz. Para expressar seus sentimentos: "*invento palavras".* Em seguida, cita uma de suas criações – *teadorar* – junção do pronome *"te"* com o verbo *"adorar"*, sentimento comum.

Intransitivo é o verbo inventado para expressar o sentido completo de afeição e amor (teadorar). Teadoro traduz um sentimento e é um verbo; Teodora é um nome, o que possibilita verificar a alternância dos morfemas aberto e fechado.

Encontramos vários vocábulos fonologicamente nasais (menos, ainda, invento, ternura, funda, cotidiano, instransitivo).

Observamos, também, a cumulação no verbo *inventei* (modo, tempo, número, pessoa).

06 – Aline Alves

Neste poema, notamos a incidência de vocábulos dissilábicos, coincidindo SE/SO, na utilização de palavras curtas como (beijo, falo, pouco, menos) O uso constante dos fonemas linguodentais surdos (t) e (d) juntos em traduzem, Teodora, teadoro, causa um estranhamento; em primeiro nível, fonético e, posteriormente, semântico.

Os gramemas desinenciais [o] invento e [ei] inventei marcam a atividade constante e permanentemente presente e sua última invenção – no sentido de atualização da forma.

07 – Alexandra Lima Duran

Ao analisar o poema, verificamos que o poeta interpõe ao lexema adorar uma prefixação, com a intenção de formar uma nova palavra para detalhar a ternura que o eu-lírico sente, fixando o "te" ao verbo adorar.

A inversão das vogais /a/ e /o/ assinala a mudança do verbo para substantivo. A ternura mais funda poderia ser "profunda", o que, por extensão, fica evidente na disposição morfossintática da expressão.

CONCLUSÃO

O ensino universitário cumpre, assim, sua função social e antropológica do ensinar e constata, felizmente, resultados satisfatórios e entusiastas no caminho pedregoso das Letras.

No alvorecer do terceiro milênio, recuperamos boa parte do tempo e da potencialidade da linguagem, por meio dos estudos lingüísticos e literários, complexos, porém uma parcela dos estudantes já produz e participa da "inteligência coletiva", em grupos de estudo e projetos de alcance social.

O "professor sabe-tudo", que deposita conhecimentos na cabeça dos alunos, método a que Paulo Freire chamava de "concepção bancária" da educação, é espécie em extinção, pois atende a um modelo retrógrado e ultrapassado que não se adequa ao perfil dinâmico e crítico do profissional do século XXI. A enorme profusão de saberes acessíveis, no momento mesmo em que são produzidos, torna improdutiva a utilização do cérebro humano apenas para armazená-los.

Neste contexto, o papel do professor é muito menos o de "transmitir conhecimentos" e muito mais o de "compartilhar", mediando e incentivando a produção e circulação dos saberes, exemplo que aqui apresentamos, o que exige persistência e determinação de ambas as partes, no processo de aprendizagem e assimilação da teoria produzida sincronicamente.

O professor da nova era deve ser um "animador de inteligências", tornando-se necessário reformular o conceito de "aula" e de aprendizagem, bem como o de avaliação. Novas competências surgiram para o professor e para o aluno, bem como habilidades diante do mundo digital e globalizado.

A busca do domínio da linguagem formal exige autonomia e desenvolvimento do espírito de análise e de crítica, mediada por leituras teóricas de fôlego, com renovação constante.

Este desafio temos desenvolvido na UNIJALES, com vistas à qualidade do ensino e da formação dos estudantes e futuros profissionais que passam por nossas mãos, para que sejam, de fato, hábeis e capazes de fomentar a pesquisa de nível acadêmico e, ao mesmo tempo, para que sejam eficientes na mediação do processo de ensino-aprendizagem, em sua atuação no magistério.

As análises lingüístico-literárias aqui apresentadas e muitas outras que por hora não é possível publicar, mas que se encontram por nós selecionadas, quando da leitura paciente de trabalhos e provas, representam nossa vitória diante dos inúmeros desafios por que nós professores temos passado. São a prova de que vale a pena insistir na indicação de leituras das próprias obras poéticas e literárias e do *corpus* teórico, árido, complexo e indigesto, quando mal orientado ou mal direcionado.

Vale a pena resistir, reinventar e perseguir os propósitos, quando acreditamos na transformação que podemos provocar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BANDEIRA, M. *Obra Completa*.4 ed. RJ: Nova Aguilar S.A, 1996.

FIORIN, J.L. *Introdução à Lingüística.* SP: Contexto, 2002.

_____. *Introdução à Lingüística II: princípios de análise.* SP: Contexto, 2003.

HOLLANDA, C. B. de. Coleção Literatura Comentada. Nova Cultural, 1980.

MUSSALIN. (org.) *Introdução à Lingüística: domínios e fronteiras.* SP: Cortez, 2001.

Profa. Adriana Juliano Mendes de Campos
e-mail: adriana.campos@itecnet.com.br
UNIJALES – Centro Universitário de Jales – Unidade Central
Fone (17) 3622-1620
Av. Francisco Jalles, n.º 1.851
CEP: 15700-000
Jales - SP